

**A teoria de Pierre Bourdieu aplicada
às pesquisas sobre a grande burguesia:
uma metodologia plural para uma abordagem pluridisciplinar¹ (*)**

Michel Pinçon et Monique Pinçon-Charlot
CSU - IRESCO - CNRS - Paris (France)

Resumo

A teoria de Pierre Bourdieu pretende superar as oposições entre o subjetivismo e o objetivismo, o indivíduo e a sociedade, a liberdade e o determinismo analisando o social como existindo sob duas modalidades. De um lado nos agentes sociais, sob a forma das disposições do habitus. De outro lado, no mundo, sob a forma de objetos (bens econômicos...) ou de produções culturais (textos jurídicos...). Esta abordagem supõe uma postura pluri-disciplinar para a qual são mobilizadas a psicologia, a economia, a história, a geografia. Isto implica na adoção de uma me-

Résumé

La sociologie de Pierre Bourdieu entend résoudre les oppositions entre le subjectivisme et l'objectivisme, l'individu et la société, la liberté et le déterminisme en analysant le social comme existant selon deux modalités. D'une part dans les agents sociaux sous la forme des dispositions de l'habitus. D'autre part, dans le monde, sous la forme d'objets (biens économiques...) ou de productions culturelles (textes juridiques...). Une telle approche suppose une posture pluridisciplinaire dans laquelle sont mobilisées la psychologie, l'économie, l'histoire, la géographie. Ceci im-

¹ Este tema foi apresentado, pelos autores, na UFSC em out./ 1997, para os programas de pós-graduação em Antropologia Social, Educação, Psicologia e Sociologia Política.

* Tradução: prof.as **Nadir Zago** e **Cécile Raud** (UFSC) e colaboração da prof.a **Christine Ritui** (Universidade de Caen - França).

odologia diversificada que utiliza tanto as abordagens qualitativas quanto as abordagens quantitativas.

plique la mise en oeuvre d'une méthodologie diversifiée qui utilise autant les approches qualitatives que les approches quantitatives.

Palavras-chave: BOURDIEU; teoria; método.

Mots-clef: BOURDIEU; théorie; méthode.

A ambição do sistema teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu é superar a oposição estéril entre o indivíduo e a sociedade e as formas intelectualizadas desta oposição, o subjetivismo e o estruturalismo. A antropologia de BOURDIEU pretende assim colocar em novos termos as questões do determinismo e da liberdade.²

I – O social incorporado e o social objetivado

Na verdade, o social existe sob duas formas principais, nos corpos de um lado, nos objetos e nas instituições de outro lado. O social incorporado é o que BOURDIEU designa através do conceito de *habitus*, isto é, o conjunto de disposições interiorizadas que organizam as relações do indivíduo com o mundo.

As disposições são incorporadas através das experiências do mundo social, desde a mais tenra infância até o fim da vida. Mostramos assim que as disposições artísticas dos grandes burgueses deviam ser relacionadas com o fato de eles crescerem em verdadeiras casas-museus caracterizadas pela profusão de móveis de estilo e de obras de arte.

Estas disposições não são estáticas, são suscetíveis de evolução, em função das novas experiências. As disposições estruturadas a partir do mundo social são estruturantes da prática, isto é organizam as práticas sociais. Dizem respeito aos valores, às crenças, aos gostos. O fato de elas serem profundamente interiorizadas está no princípio da *hexis corporal*, isto é, da relação com o corpo, da postura deste, da maneira de andar, de comportar-se à mesa, de falar, de todos esses elementos íntimos constitutivos da pessoa mas socialmente constituídos. É uma forma de expressão do social particularmente perversa pois é percebida

² Ver Pierre Bourdieu. *Le Sens Pratique*. Paris : Minuit. 1980.

como sendo natural. Na medida em que os grandes burgueses seriam naturalmente superiores, sua atitude corporal, sua *hexis*, teria esta dignidade aparente, esta “classe” conforme expressa o senso comum.

O habitus, conjunto das disposições incorporadas, funciona como a língua materna. Na maioria das situações, não é necessário refletir para produzir o discurso adequado, adotar a postura ou atitude que melhor convêm. Falamos e agimos do mesmo modo como respiramos. Vivemos o mundo social, na maioria das situações, na ilusão da evidência e “do que é obvio”.

O habitus pode evoluir em função das situações. Mas, como para a aprendizagem da língua, a aprendizagem de novas maneiras, a adesão a novos valores, não podem apagar completamente o habitus original. Permanece, como no caso da língua, um sotaque, ou mesmo um vestígio de sotaque que revela a origem. Como por exemplo, para o filho de operário que sobreviveu ao sistema de eliminação escolar francês e se encontra no mundo universitário.

Dito de outra forma, pode existir um hiato entre as disposições e as condições da prática. Esta necessidade de adaptar as suas práticas, de inovar a partir de seu habitus, remete a outra forma essencial de existência do social, o social objetivado. A prática se produz na relação entre o social incorporado e o social objetivado, isto é, na inscrição das relações sociais nos objetos e instituições. Esta objetivação no mundo, exterior ao dinheiro, define as condições sociais da prática. Por exemplo, distinguimos facilmente um bairro burguês de um bairro popular. As casas são amplas e bem conservadas, a área verde é onipresente, as ruas são espaçosas. Mas há, em geral, uma certa homologia entre o social incorporado e o social objetivado. O princípio da segregação urbana e social consiste em reunir corpos e formas urbanas que se parecem e se combinem.

Analisamos, o deslocamento de leste para oeste dos bairros elegantes parisienses, onde se concentra a alta sociedade, como o produto desta interação entre habitus e condições da prática. São as famílias da aristocracia e da grande burguesia que definem os bons endereços, ou seja, os dos bairros chiques.³ Para sua legitimidade e suas riquezas, estas famílias imprimem aos bairros onde moram uma *grife espacial* à maneira da grife dos grandes costureiros. Esta grife, esta forma de capital simbólico, atrai o comércio de luxo e sedes sociais das grandes empresas industriais e bancárias, à procura de locais que oferecem um certo prestígio social.

³ Ver Michel Pinçon et Monique Pinçon-Charlot. *Quartiers bourgeois. quartiers d'affaires.* Paris : Payot. 1992.

Mas a presença destas atividades induz a de empregados e introduz nos bairros burgueses, onde a alta sociedade procura acima de tudo conviver com pessoas do seu próprio meio, uma heterogeneidade social que se torna rapidamente insuportável para as famílias da alta sociedade. Hoje, no VIII^o *arrondissements*,⁴ onde se encontra os *Champs-Élysées*, há 40 mil habitantes e 200 mil empregados, ao passo que no início do século havia 100 mil habitantes e uns milhares de empregos.

O habitus grande burguês, perfeitamente adaptado aos bairros chiques, confronta-se com as redefinições das condições, das práticas, impostas pela implantação de escritórios, no lugar de moradias e palacetes, o desenvolvimento do turismo de massa nos *Champs Élysées* e o surgimento de restaurantes tipo “McDonald’s”. A adaptação da prática a estas novas condições consiste em uma reorientação dos locais frequentados (frequenta-se cada vez menos os *Champs-Élysées* para evitar o povão que lá transita) e na adaptação da vida residencial (muda-se para locais mais em conformidade com o habitus). Esse processo de transformação dos bairros burgueses em bairros de negócios afasta as famílias de classe alta, cada vez mais para o oeste, a partir dos *Faubourgs Saint-Germain* e *Saint-Honoré* até *Neuilly-sur-Seine*.⁵

II – Uma abordagem pluridisciplinar

Gostaríamos de sugerir como um tal sistema teórico implica numa convergência entre a sociologia e outras disciplinas tais como a psicologia, a história, a geografia e a economia.

1. A psicologia

A abordagem de BOURDIEU com a idéia de uma interiorização do social, concerne à formação da personalidade. O ser humano é construído pela sociedade, pela sua experiência no mundo social. Ora, nas famílias abastadas da aristocracia e da grande burguesia francesa, multiplicam-se as instâncias de socialização. À família e à escola, instâncias tradicionais desta socialização, a burguesia acrescentou, desde a última guerra, os rallyes, instituições administradas pelas mães que organizam o

⁴ A cidade de Paris está dividida em 20 distritos administrativos, chamados *arrondissements*.

⁵ Os *Faubourgs Saint-Germain* e *Saint-Honoré* são bairros chiques situadas na região central de Paris e *Neuilly-sur-Seine* é um município, igualmente chique, situado próximo de Paris.

lazer coletivo dos jovens dos meios privilegiados. No seu curso completo, os *rallyes* constituem um projeto educativo suplementar.

Neste sentido, duplicam o sistema escolar e completam as aprendizagens familiares. Enquanto projeto educativo, o *rallye* tem sua especificidade: aprender a reconhecer seu semelhante do sexo oposto, aprender a identificar seus possíveis parceiros para estabelecer relações afetivas, amorosas ou de amizade. O *rallye* desenvolve, igualmente, o espírito de círculo, de clube, visto que, durante toda sua adolescência, os jovens de um *rallye* encontram-se entre si, com base numa lista de adolescentes do mesmo meio social. Aprender a valorizar seu próprio meio, a reconhecer seus limites, constitui um dos objetivos implícitos do *rallye*.⁶

Pela organização de encontros sistemáticos entre meninos e meninas, os *rallyes* orientam convenientemente, quer dizer em conformidade com as necessidades sociais da reprodução, os gostos e as preferências e, no fim, as escolhas matrimoniais, evitando alianças fora do seu meio social.

Para tanto, o *rallye* procede por degraus, no sentido mais usual do termo, aquele de uma corrida de carros por etapas. Os diferentes níveis, claramente definidos e designados, são praticamente os mesmos em cada *rallye*.

O *rallye* cultural é a primeira forma de atividade da instituição. As saídas culturais inculcam a proximidade e a familiaridade com o mundo da cultura: os jovens que dele participam não são estranhos uns dos outros, mas vizinhos e cúmplices. Etapa facultativa do *rallye*, o *rallye-bridge* é uma iniciação neste jogo de cartas, verdadeiro trunfo na vida mundana francesa onde ele assume uma certa posição. O *rallye* curso de dança constitui a penúltima etapa, antes da apoteose dos bailes chiques. Sob o controle dos pais, rapazes e moças aprendem juntos, o que é decisivo, a conhecer as situações mundanas, a atmosfera das recepções. Esta aprendizagem do “mundo”, quer dizer do meio mundano, de suas regras e de seus rituais, passa também pelo domínio da maneira de se vestir. Trata-se de saber vestir-se em função das circunstâncias, de modo a estar sempre na “onda”. Pois é uma arte saber vestir-se como melhor convém, em cada ocasião.

O sucesso encontrado pelos *rallyes* deve-se certamente à inculcação lenta, progressiva que eles asseguram. Passando pelos *rallyes* os jovens aprendem a se mostrar, a se conformar com seu

⁶ Ver Michel Pinçon et Monique Pinçon-Charlot. Dans les beaux quartiers. Paris : Seuil. 1989.

meio social e com o que seus pais esperam deles. Esta socialização precisa e completa tem a vantagem de proporcionar aos jovens um encontro amoroso como se fosse uma escolha resultante do acaso, assegurando ao mesmo tempo a conformidade social destes que se cooptarão mais tarde como marido e mulher.

2. A economia

A teoria de Pierre Bourdieu empresta da economia a noção de capital econômico, enquanto relação social, a posse de riquezas que dá poder sobre aqueles que não as possuem. Mas ele utiliza também esta noção de capital para outras formas de riqueza e não apenas a econômica. É assim que podemos, com P. Bourdieu, falar de capital cultural e de capital social. O capital cultural implica numa relação privilegiada com a cultura erudita, a vida das artes e a cultura escolar. O capital social designa a rede de relações, extremamente densas, que são uma das riquezas essenciais da alta sociedade. Quanto ao capital simbólico, designa o conjunto de signos e de símbolos sociais que permitem situar os agentes no espaço social e são suscetíveis de exercer uma violência imaterial impondo a estrutura social, suas hierarquias e suas relações de dominação nas representações, fazendo-as serem percebidas como legítimas, como naturais.

Estas diferentes formas de capital são objetivadas mas, também, incorporadas na medida em que a riqueza ou a pobreza de cada indivíduo evidencia-se na maneira de se vestir e, de maneira mais geral, no *hexis* corporal. As famílias que estudamos há dez anos acumulam todas estas formas de capital. Aliás, nossos trabalhos mostram que, para se transmitir a riqueza econômica deve ser, rapidamente, acompanhada de capital social, de todas essas relações sociais necessárias à acumulação e à transmissão do capital econômico.⁷

3. A história

Critica-se freqüentemente a teoria de Pierre Bourdieu por ser a-histórica e propor unicamente uma teoria da reprodução. Ela não permitiria pensar a mudança social. É verdade que se trata de um conjunto conceitual que enfatiza os processos de reprodução, mas de reprodução

⁷ Ver M. Pinçon et M. Pinçon-Charlot. *Grandes fortunes. Dynasties familiales et formes de richesse en France*. Paris : Payot. Coll. "Petite bibliothèque Payot". 1998.

na mudança, dando sentido ao provérbio francês: *il faut toujours courir pour rester sur place* (é preciso correr sempre para guardar o lugar).

Por exemplo, a nobreza continua sendo uma categoria social muito viva apesar da Revolução Francesa ter decretado seu fim há mais de duzentos anos. Com efeito, uma parte da nobreza soube reconverter em tempo, seu capital fundiário, agrícola e florestal, em capital industrial e financeiro. O duque de Brissac, já politécnico em 1900, atesta a atenção que as grandes famílias da nobreza deram ao capital escolar. O castelo da família Brissac é aberto ao público e visitado como se fosse um museu. Esta abertura dos castelos ao público, oferecendo vantagens fiscais aos proprietários, permite conservar o berço da memória familiar que, em muitos casos, remonta a vários séculos. A nobreza também soube muito bem negociar seu prestígio, o capital simbólico, ligado a nomes famosos, pelo capital econômico mediante alianças com grandes famílias da burguesia. No transcorrer do tempo, através dos processos históricos, os agentes da alta sociedade são assim obrigados a se ajustar às novas condições e a inovar para se manterem no mesmo nível, ou seja, o primeiro.

4. A geografia

No sistema teórico de P. Bourdieu, o social é concebido como um espaço, no qual os diferentes volumes e as diferentes formas do capital se repartem, segundo dois eixos perpendiculares. Verticalmente, de baixo para cima, vamos do mínimo de capital ao máximo. Da esquerda para a direita, vamos do capital cultural ao capital econômico. Assim, os agentes sociais e os grupos distribuem-se espacialmente, em um espaço teórico construído conceitualmente, é verdade, mas somos logo inclinados a fazer funcionar este esquema também sob o modo geográfico,⁸ procedimento do qual o próprio Pierre Bourdieu não se priva.

Em seu estudo sobre a alta costura, a oposição margem direita/margem esquerda (do rio Sena) funciona como uma metáfora geográfica que amplia as características sociológicas dos costureiros estudados.⁹ Da mesma maneira, com sua análise da Paris da “Educação sentimental”, BOURDIEU evidencia que: “neste espaço estruturado e hierarquizado, as trajetórias sociais ascendentes e descendentes se dis-

⁸ Ver Monique de Saint Martin. *L'Espace de la noblesse*. Paris : Métailié. 1993.

⁹ Pierre Bourdieu et Yvette Delsaut. “Le couturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie”. *Actes de la recherche en sciences sociales*. 1975/1, p. 7-36.

tinguem claramente: do sul em direção ao noroeste para as primeiras [...], do oeste para o leste e/ou do norte ao sul para as segundas[...]”.¹⁰

Isto é, as estruturas do espaço social ou de campos específicos no interior deste espaço, como o campo da alta costura, podem ser lidos no espaço geográfico, ele mesmo hierarquizado e estruturado, conforme o sistema das posições sociais dos agentes. O espaço urbano é, pois, ele também um espaço de relações onde os lugares, os bairros, os equipamentos dialogam, se respondem e se afrontam.¹¹

A cidade opõe seus bairros chiques aos bairros populares da periferia. Os contrastes são suficientemente marcados na região *Île-de-France* para podermos, de *Neuilly* a *Aubervilliers*, percorrer as ruas como se fôssemos dos dirigentes de empresas aos operários especializados, dos inspetores de finanças aos empregados subalternos. Assim, não é indiferente habitar aqui ou ali. Podemos, então, tratar a cidade como um dos parâmetros da definição completa da posição social. Não há êxito social digno desse nome que não se acompanhe de uma residência que o exprime e o manifeste. A cidade é igualmente um mestre perseverante nas aprendizagens sociais que marcam nosso lugar de nascimento na cidade mas, também, na sociedade, nos ensinando as maneiras, os gostos, as esperanças ou desesperanças que darão a tonalidade de nossa própria vida.

Como poderíamos, então, compreender a interação dinâmica entre o espaço social e o espaço urbano sem levar em conta os bairros chiques? Se a cidade é um sistema urbano, homólogo ao sistema social, se a cidade é uma cristalização espacial das relações sociais, a pesquisa não pode ignorar nenhuma das partes que integram este sistema de relações.

III – Uma metodologia plural ao serviço de uma teoria pluridisciplinar

A teoria de P. Bourdieu remete a uma metodologia complexa que articula métodos quantitativos e estatísticos e, métodos qualitativos e etnográficos. Em nossos trabalhos sobre os grandes burgueses estabelecemos estatísticas a respeito de seus lugares de residência, a partir dos endereços dos membros dos grandes círculos parisienses ou, sobre os

¹⁰ P. Bourdieu. “L’invention de la vic d’artiste”. Actes de la recherche en sciences sociales. 1975/2, p. 67-93.

¹¹ Ver: PINÇON, M. et PINÇON-CHARLOT, M. De l’espace social à l’espace urbain. Utilité d’une métaphore. In: *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n. 64, sep. 1994, p. 50-53.

valores de fortunas e de patrimônios. Histogramas e tabelas de dados constróem os níveis de riqueza e os espaços de residências escolhidos pelos grandes burgueses. Esta abordagem quantitativa não é incompatível com as abordagens mais qualitativas, como aquelas da entrevista ou da observação de tipo etnográfico. Esta articulação entre diferentes tipos de métodos é a condição para apreender simultaneamente o social incorporado e o social objetivado. Mas esta articulação coloca o problema da coexistência em um mesmo texto de vários tipos de escrita. As descrições e as narrativas participam de uma escrita literária. A análise das tabelas de dados e de histogramas remete a uma escrita mais formalizada e coloca em evidência uma certa vocação para a objetividade.

Outra maneira de marcar as distâncias em relação aos textos literários ou jornalísticos encontra-se na valorização do que é chamado pelos lingüistas de intercontextualidade, isto é, o diálogo entre o texto presente e os outros textos, sejam eles presentes ou passados. O jogo das citações desempenha aqui um papel que está longe de ser unicamente acadêmico. Trata-se de situar o que é proposto ao leitor no campo da Sociologia e na tradição das Ciências Sociais. O trabalho sociológico deve, também, afirmar a multiplicidade de suas fontes. Assim, no conjunto de nossos trabalhos, recorremos a documentos de natureza muito diferentes. Exploramos trabalhos de historiadores. Elaboramos estatísticas específicas ou utilizamos dados já construídos como aqueles do Instituto Nacional das Estatísticas e dos Estudos Econômicos (INSEE). Estes elementos numéricos foram apresentados sob a forma de histogramas, alguns muito reveladores, como aqueles sobre a evolução dos domicílios dos membros dos grandes círculos. As entrevistas fornecem uma soma importante de informações e de representações. Mas as pessoas questionadas são muito diversas e, por exemplo, para os bairros burgueses, bairros de negócios, o delegado de polícia do VIII^o distrito de Paris, o gerente de uma banca de jornais, o padre da paróquia de *Saint-Pierre-de-Chaillot* e muitos outros informantes foram entrevistados para resgatar a evolução do bairro do *Triangle d'Or*, bairro que percorre um trecho dos *Champs Elysées*. Damos, é claro, a prioridade às entrevistas junto às famílias da grande burguesia que moram ou moraram no bairro.

Enfim, as observações, são restituídas com a maior exatidão possível. Uma utilização sistemática da fotografia em apoio destas diferentes fontes não se concretizou por decisão da editora. Trata-se de uma escolha de método, mas cujas conseqüências podem ser visualizadas na própria

escrita que é constantemente em ruptura, inclusive em seu aspecto mais material, com a escrita romanesca. Os diagramas, a abertura e o fechamento de aspas que marcam as citações, dos sociólogos ou entrevistados, as referências às fontes, todo um aparelho está lá para lembrar que o trabalho apresentado se enquadra numa tradição científica. Não se trata de operar uma simples demarcação do texto enquanto texto sociológico. Trata-se de impedir ao leitor de fazer uma leitura não crítica, de se abandonar a uma leitura desatenta como no caso do texto literário, pelo menos nas suas formas clássicas. O quadro estatístico, tal ou tal referência, esclarecem que o texto é sociológico, visando a objetividade, e que o leitor é convidado a verificar a validade das teses, avançadas com circunspeção e prudência, longe da veemência ou da vivacidade do texto engajado.

Com a aplicação do sistema teórico de BOURDIEU, mobilizamos para nossas pesquisas sobre as famílias ricas da aristocracia e da grande burguesia francesa, métodos diferentes e formas de escrita variadas. Isto nos parece ser conforme à complexidade do social nas suas manifestações que confundem o incorporado e o objetivado. Os elementos metodológicos utilizados nos parecem responder à lógica deste sistema teórico, a articulação estreita entre a teoria e o empírico estando no princípio de toda abordagem científica.

Referências bibliográficas

- ANNALES de la recherche Urbaine. *De l'espace social à l'espace urbain. Utilité d'une métaphore*. 1994, n. 64, p. 50-53.
- BOURDIEU, Pierre. L'invention de la vie d'artiste. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. 1975/2, p.67-93.
- _____. *Le sens pratique*. Paris : Minuit. 1980.
- _____. e DELSAUT Yvette. Le couturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. 1975/1, p. 7-36.
- PINÇON, Michel et PINÇON-CHARLOT, Monique. *Quartiers bourgeois, quartiers d'affaires*. Paris : Payot. 1992.
- _____. *Dans les beaux quartiers*. Paris : Seuil. 1989.
- _____. De l'espace social à l'espace urbain. Utilité d'une métaphore. In: *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n. 64, sep. 1994, p. 50-53.
- _____. *Grandes fortunes. Dynasties familiales et formes de richesse en France*. Paris : Payot, coll. "Petite bibliothèque Payot". 1998
- SAINT MARTIN, Monique de. *L'Espace de la noblesse*. Paris : Métailié. 1993.